

**LITERATURA BRASILEIRA**  
**Textos literários em meio eletrônico**  
**Obras de Bernardo Guimarães**

Texto-fonte:

Vida e obra do poeta e romancista brasileiro Bernardo Guimarães

**Canto da Solidão**

Prefácio da 2ª edição de Cantos da Solidão

Prefácio dos editores da 1ª edição de Cantos da Solidão

Prelúdio

Amor ideal

Hino à aurora

Invocação

Primeiro sonho de amor

À uma estrela

O Ermo

O Devanear de um céptico

Desalento

No meu aniversário

Visita à sepultura de meu irmão

À sepultura de um escravo

O destino do vate

Esperança

**Prefácio da 2ª edição de Cantos da Solidão**

Advertência da segunda edição

Grande número das poesias que agora ofereço ao público já foram publicadas em S. Paulo em 1852 sob o título de Cantos da Solidão: essa edição porém, além de muito escassa quanto ao número de exemplares, foi por demais incorreta; e como o público parece-me ter dado algum apreço a essas produções de minha primeira mocidade, isso me anima a dar-lhe esta

segunda edição muito mais correta, e seguida de grande número de poesias diversas.

Cumpr-me aqui dizer algumas palavras a respeito de algumas alterações e adições que fiz nos Cantos da solidão.

Quando, ao terminar meus estudos acadêmicos, me dispunha a retirar-me de S. Paulo, grande número de amigos e colegas mostraram desejos de possuir impressas aquelas poesias; existiam elas pela maior parte em seu primeiro esboço tais quais me tinham saído da pena no primeiro jacto, e os manuscritos se achavam em deplorável desordem; o tempo de que dispunha era muito limitado para eu poder coligi-las, e limá-las convenientemente; com a tal ou qual ordem e correção que a pressa me permitiu dar-lhes, deixei-as em S. Paulo em poder daqueles amigos, a fim de dá-las ao prelo; deixei-as mais como um fraco penhor de amizade e gratidão, como um eco de meu coração, que eu queria deixar ressoando entre aqueles bons amigos, de muitos dos quais eu me ia separar talvez para sempre, do que como um título com que me apresentasse ao público para conquistar o glorioso nome de poeta.

A vista disso deve-se relevar o muito que há de desleixo e incorreção nessas composições; desleixo e incorreção que procurei eliminar o mais que me foi possível na presente edição; muitas alterações e adições fiz em algumas poesias; e mesmo uma ou outra refundi completamente; outras porém ficaram assim mesmo mal acabadas, com o pensamento incompleto, a frase mal polida, porque não foi mais possível evocar de novo inspirações há tanto tempo adormecidas. Alterei também um tanto a ordem em que vinham na primeira edição, a fim de engrupar debaixo do título de - Inspirações da tarde - certo número de poesias em que o quadro nelas debuxado se emoldura nos encantadores relevos dessa hora de remanso que serve de transição da luz e bulício do dia para o silencio e trevas da noite.

Vão portanto estes versos nesta segunda edição corretos de muitos descuidos de metrificacão e de estilo, e limpos de inúmeros e graves erros tipográficos que desfiguravam a primeira.

Quanto ao valor literário que porventura possam ter estes versos, o público e a critica o decidirão; lembrem-se somente aqueles que lançarem os olhos sobre estas páginas, que são elas produto de uma musa que tem constantemente sofrido o embate de todo o gênero de contrariedades, e que conhece por experiência quanto é verdadeiro o que diz Chateaubriand: -  
C'est un sophisme digne de la dureté de notre siècle, d'avoir avancé que les bons ouvrages se font dans le malheyr: il n'est pas vrai qu'on puisse bien écrire quand on souffre. Les hommes qui se consacrent au culte des muses se laissent plus vite submerger à la douleur que les esprits vulgaires.

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1858

O AUTOR

## **Prefácio dos editores da 1ª edição de Cantos da Solidão**

### **AO LEITOR**

Temos o prazer de oferecer ao público, e particularmente à mocidade acadêmica, as produções poéticas de um de nossos irmãos de letras, que ao separar-se de nós legou-nos esses cantos melodiosos, como se fosse um adeus de despedida, e uma última lembrança de seu viver de outrora; - é o testamento do coração ao terminar-se a vida descuidosa de mancebo; - é o derradeiro olhar do viajante ao deixar as praias deleitosas de um país encantado, para expor-se aos azares de uma longa peregrinação por mares tempestuosos; - é a baliza que servirá de assinalar-lhe essa quadra risonha da existência, que, ainda depois de volvida, inspira~nos recordações tão deliciosas, como os aromas da pátria que auras propícias levassem aos ermos do exilado.

Para nós os - Cantos da solidão - significam alguma coisa mais: - a naturalidade com que são escritos e esse perfume de tristeza e sentimentalismo que eles exalam bem provam não serem essas poesias uma criação puramente artística; - elas são a linguagem harmoniosa de uma alma poética e inspirada, que se expande

### **Prelúdio**

Neste alaúde, que a saudade afina,  
Apraz-me às vêzes descantar lembranças  
De um tempo mais ditoso;

De um tempo em que entre sonhos de ventura  
Minha alma repousava adormecida  
Nos braços da esperança.

Eu amo essas lembranças, como o cisne  
Ama seu lago azul, ou como a pomba  
Do bosque as sombras ama.

Eu amo essas lembranças; deixam n'alma  
Um quê de vago e triste, que mitiga  
Da vida os amargores.

Assim de um belo dia, que esvaiu-se,  
Longo tempo nas margens do ocidente  
Repousa a luz saudosa.

Eu amo essas lembranças; são grinaldas  
Que o prazer desfolhou, murchas relíquias  
De esplêndido festim;

Tristes flores sem viço! - mas um resto  
Inda conservam do suave aroma

Que outrora enfeitiçou-nos.

Quando o presente corre árido e triste,  
E no céu do porvir pairam sinistras  
As nuvens da incerteza,

Só no passado doce abrigo achamos  
E nos apraz fitar saudosos olhos  
Na senda decorrida;

Assim de novo um pouco se respira  
Uma aura das venturas já fruídas,  
Assim revive ainda

O coração que angústias já murcharam,  
Bem como a flor ceifada em vasos d'água  
Revive alguns instantes.

### **Amor ideal**

Há uma estrela no céu  
Que ninguém vê, senão eu

(Garrett)

Quem és? - d'onde vens tu?  
Sonho do céu, visão misteriosa,  
Tu, que assim me rodeias de perfumes  
De amor e d'harmonia?

Não és raio d'esp'rança  
Enviado por Deus, ditamno puro  
Por mãos ocultas de benigno gênio  
No peito meu vertido?

Não és anjo celeste,  
Que junto a mim, no adejo harmonioso  
Passa, deixando-me a alma adormecida  
Num êxtase de amor?

Ó tu, quem quer que sejas, anjo ou fada,  
Mulher, sonho ou visão,  
Inefável beleza, sê bem-vinda  
Em minha solidão!

Vem, qual raio de luz dourando as trevas  
De um cárcere sombrio,  
Verter doce esperança neste peito  
Em minha solidão!

Nosso amor é tão puro! - antes parece  
A nota aérea e vaga  
De ignota melodia, êxtase doce,

Perfume que embriaga!...

Amo-te como se ama o albor da aurora,  
O claro azul do céu,  
O perfume da flor, a luz da estrela,  
Da noite o escuro véu.

Com desvelo alimento a minha chama  
Do peito no sacrário,  
Como sagrada lâmpada, que brilha  
Dentro de um santuário.

Sim; a tua existencia é um mistério  
A mim só revelado;  
Um segredo de amor, que trarei sempre  
Em meu seio guardado!

Ninguém te vê; - dos homens te separa  
Um véu misterioso,  
Em que modesta e tímida te escondes  
Do mundo curioso.

Mas eu, no meu cismar, eu vejo sempre  
A tua bela imagem;  
Ouço-te a voz trazida entre perfumes  
Por suspirosa aragem.

Sinto a fronte incendida bafejar-me  
Teu hálito amoroso,  
E do cândido seio que me abrasa  
O arfar voluptuoso.

Vejo-te as formas do donoso corpo  
Em vestes vaporosas,  
E o belo riso, e a luz lânguida e meiga  
Das pálpebras formosas!

Vejo-te sempre, mas ante mim passas  
Qual sombra fugitiva,  
Que me sorriu num sonho, e ante meus olhos  
Desliza sempre esquiva!

Vejo-te sempre, ó tu, por quem minh'alma  
De amores se consome;  
Mas quem tu sejas, qual a pátria tua,  
Não sei, não sei teu nome!

Ninguém te viu sobre a terra,  
És filha dos sonhos meus:  
Mas talvez, talvez que um dia  
Te eu vá encontrar nos céus.

Tu não és filha dos homens,  
Ó minha celeste fada,

D'argila, d'onde nascemos,  
Não és decerto gerada.

Tu és da divina essência  
Uma pura emanção,  
Ou um eflúvio do elísio  
Vertido em meu coração.

Tu és dos cantos do empíreo  
Uma nota sonora,  
Que nas fibras de minh'alma  
Ecoa melodiosa;

Ou luz de benigna estrela  
Que doura-me a triste vida,  
Ou sombra de anjo celeste  
Em minha alma refletida.

Enquanto vago na terra  
Gomo mísero proscrito,  
E o espírito não voa  
Para as margens do infinito,

Tu apenas me apareces  
Como um sonho vaporoso,  
Ou qual perfume que inspira  
Um cismar vago e saudoso;

Mas quando minh'alma solta  
Desta prisão odiosa  
Vaguear isenta e livre  
Pela esfera luminosa,

Irei voando ansioso  
Por esse espaço sem fim,  
Até pousar em teus braços,  
Meu formoso Querubim.

## Hino à aurora

E já no campo azul do firmamento  
A noite extingue os círios palejantes,  
E em silêncio arrastando a fímbria escura  
Do tenebroso manto  
Transpõe do ocaso os montes derradeiros.  
A terra, de entre as sombras ressurgindo  
Do mole sono lânguida desperta,  
E qual noiva gentil, que o esposo aguarda,  
De galas se adereça.

Rósea filha do sol, eu te saúdo!  
Formosa virgem de cabelos d'ouro,  
Que prazenteira os passos antecedes  
Do rei do firmamento,

Em seus caminhos flores despargindo!  
Salve, aurora! - quão donosa surges  
Nos azulados topos do oriente  
Desfraldando o teu manto aurirrosado!  
Qual cândida princesa  
Que em desalinho lânguida se erguera  
Do brando leito, em que sonhou venturas,  
Tu lá no etéreo trono vaporoso  
Entre cantos e aromas festejada,  
Sorrindo escutas os melífluos quebros  
Das mil canções com que saúda a terra  
O teu raiar sereno.

Também tu choras, pois em minha fronte  
Sinto teu pranto, e o vejo em gotas límpidas  
A cintilar na tremula folhagem:  
Assim no rosto da formosa virgem  
- Efeito às vezes de amoroso enleio -  
Brilha através das lágrimas o riso.

Bendiz o viajor extraviado  
Tua luz benigna que a vereda aclara,  
E mostra ao longe fumegando os tectos  
De alvergue hospitaleiro.  
Pobre colono alegre te saúda,  
Por ver em torno do singelo colmo  
Sorrir-se vicejante a natureza,  
Manso rebanho retouçar contente,  
Crescer a messe, as flores desbrocharem;  
E unindo a voz aos cânticos da terra,  
Aos céus envia sua humilde prece.  
E o desditoso, que entre angústias vela  
No inquieto leito sôfrego volvendo-se,  
Espia ansioso o teu fulgor primeiro,  
Que lhe derrama nas feridas d'alma  
Celeste refrigério.

A ave canora para ti reserva  
De seu cantar as mais suaves notas;  
E a flor, que expande o cálix orvalhado  
As estremes primícias te consagra  
De seu brando perfume...  
Vem, casta virgem, vem com teu sorriso,  
Teus perfumes, teu hálito amoroso,  
Esta cuidosa fronte bafejar-me;  
Orvalho e fresquidão piedosa verte  
Nos ardentes delírios de minh'alma,  
E desvanece estas visões sombrias,  
Funestos sonhos da penada noite!  
Vem, ó formosa... Mas que é feito dela?..  
O sol já mostra na brilhante esfera  
O disco ardente - e a linda moça etérea  
Que inda há pouco entre flores reclinada  
Sorria-se amorosa no horizonte,

Enquanto a saíldava com meus hinos,  
- Imagem do prazer, que breve dura, -  
Se esvaeceu nos ares.....  
Adeus, esquiva ninfa,  
Fugitiva ilusão, aérea fada!  
Adeus também, canções enamoradas,  
Adeus, rosas de amor, adeus, sorrisos.....

## Invocação

Ó tu, que ora nos tergos da montanha  
Nas asas do Aquilão passas rugindo,  
E pelos céus entre bulcãoe sombrios  
Da tempestade o plúmbeo carro guias,  
Ora suspiras na mudez das sombras  
Manso agitando as invisíveis plumas,  
E ora reclinado em nuvem rósea,  
Que a brisa embala no ouro do horizonte,  
Expandes no éter vagas harmonias,  
Voz do deserto, espírito melódico  
Que as cordas vibras dessa lira imensa,  
Onde ressoam místicos hosanas,  
Que inteira a criação a Deus exalça;  
Salve, ó anjo! – minha alma te saúda,  
Minha alma que, a teu sopro despertada,  
Murmura, qual vergel harmonioso  
Pelas brisas celestes embalado.....

Salve, ó gênio dos desertos,  
Grande voz da solidão,  
Salve, ó tu, que aos céus exalças  
O hino da criação!

Sobre nuvem de perfumes  
Te deslizas sonoro,  
E o rumor de tuas asas  
É hino melodioso.

Que celeste querubim  
Te deu essa harpa sublime,  
Que em variados acentos  
As dúlias dos céus exprime?

Harpa imensa de mil cordas  
Donde em caudal, pura enchente,  
Estão suaves harmonias  
Transbordando eternamente?!

De uma corda a prece humilde  
Como um perfume se exala  
Entoando o sacro hosana,  
Que do Eterno ao trono se ala;

Outra como que pranteia

Com voz fúnebre e dorida  
O fatal poder da morte  
E as amarguras da vida;

Nesta brando amor suspira,  
E lamenta-se a saudade;  
Nest'outra ruidosa e férrea  
Troa a voz da tempestade.

Carpe as mágoas do infortúnio  
De uma a voz triste e chorosa,  
E só geme sob o manto  
Da noite silenciosa.

Outra o hino dos prazeres  
Entoa lêda e sonora,  
E com cânticos festivos  
Saúda nos céus a aurora.

Salve, ó gênio dos desertos,  
Grande voz da solidão,  
Salve, ó tu, que aos céus exalças  
O hino da criação!

Sem ti o mundo jazera  
Inda em lúgubre tristeza,  
E o horror do caos reinara  
Sobre toda a natureza;

Pela face do universo  
Funérea paz se estendera,  
E o mundo em mudez perene  
Como um túmulo jazera;

Sobre ele então pousaria  
Silêncio torvo e sombrio,  
Como um sudário cobrindo  
Um cadáver queto e frio.

De que servira essa luz  
Que abrilhanta o azul dos céus,  
E essas cores tão mimosas  
Que tingem da aurora os véus?

Essa risonha verdura,  
esses bosques, rios, montes,  
Campinas, flores, perfumes,  
Sombrias grutas e fontes?

De que servira essa gala,  
Que te enfeita, ó natureza,  
Se adormecida jazeras  
Em estúpida tristeza?

Se não houvesse uma voz,  
Que erguesse um hino de amor,  
Uma voz que a Deus dissesse  
– Eu vos bendigo, ó Senhor!

Do firmamento nos cerúleos páramos  
Sobre o dorso das nuvens balouçado,  
Os olhos arroubados espraçando  
Nos longes vaporosos  
Dos bosques, das remotas serranias,  
E dos mares na túrbida planície,  
Cheio de amor contemplas  
De Deus a obra tão formosa e grande,  
E em melódico adejo então pairando  
À face dos desertos,  
De caudal harmonia as fontes abres;  
Como na lira que pendente oscila  
No ramo do arvoredado,  
Roçadas pelas auras do deserto,  
As cordas todas sussurrando ecoam,  
Assim ao sopro teu, gênio canoro,  
De júbilo palpita a natureza,  
E as vozes mil desprende  
De seus eternos, místicos cantares:  
E dos horrendos brados do oceano,  
Do rouco ribombar das cachoeiras,  
Do rugir das florestas seculares,  
Do quérulo murmúrio dos ribeiros,  
Do frêmito amoroso da folhagem,  
Do canto da ave, do gemer da fonte,  
Dos sons, rumores, maviosas queixas,  
Que povoam as sombras namoradas,  
Um hino teces majestoso, imenso,  
Que na amplidão do espaço murmurando  
Vai unir-se aos concertos inefáveis  
Que na límpida esfera vão guiando  
O giro infindo, e místicas coréias  
Dos rutilantes orbes;  
Flor, que se enlaça na eternal grinalda  
Be celeste harmonia, que incessante  
Se expande aos pés do Eterno!...

Tu és do mundo  
Alma canora,  
E a voz sonora,  
Da solidão;

Tu harmonizas  
O vasto hino  
Almo e divino  
Da criação;

És o rugido  
D'alva cascata

Que se desata  
Da serraia;

Que nas quebradas  
Espuma e tomba,  
E alto ribomba  
Na penedia;

És dos tufões  
Rouco zunido,  
E o bramido  
Da tempestade;

Voz da torrente  
Que o monte atroa;  
Trovão, que ecoa  
Na imensidade.

Suspira a noite  
Com teus acentos,  
Na voz dos ventos  
És tu quem gemes;

À luz da lua  
Silenciosa,  
Na selva umbrosa  
Co'a brisa freme;

E no oriente  
Tua voz sonora  
Desperta a aurora  
No róseo leito;

E toda a terra  
Amor respira:  
– De tua lira  
Mágico efeito!

E quando a tarde  
Meiga e amorosa  
Com mão saudosa  
Desdobra os véus,

Tua harpa aérea  
Doce gemendo  
Lhe vai dizendo  
Um terno adeus!

Sentado às vezes no alcantil dos montes,  
Másculos sons das cordas arrancando  
A tempestade invocas,  
E à tua voz os aquilões revoltos  
A desfilada ruem,  
E em seu furor uivando encarniçados

Lutam, forcejam, como se tentassem  
Arrancar pelas bases a montanha!  
Alarido infernal atroa as selvas,  
No monte ronca a turva catadupa,  
Que por sombrios antros despenhada  
Ruge tremendo no profundo abismo;  
Ígneo surco em súbitos lampejos  
Fende a lúgubre sombra, – estala o raio,  
E os ecos pavorosos ribombando  
As celestes abóbadas atroam;  
E a tempestade as asas rugidoras  
De monte a monte estende,

E do trovão, do raio  
A voz ameaçadora,  
A fúria atroadora  
Dos euros turbulentos,

Das selvas o rugido,  
Da catarata o ronco,  
O baque de alto tronco,  
A luta de mil ventos,

Dos vendavais revoltos  
Os pávidos bramidos,  
Dos combros aluídos  
O horrído fracasso,

E do bulcão, que abre  
A rúbida cratera,  
A voz, que estruge fera  
Nas solidões do espaço,

Do rábico granizo  
O estrondo, que sussurra  
Nas broncas serranias,  
E o ribombar das vagas  
Nas ocas penedias,  
E todo esse tumulto,  
Que em música horrorosa  
Troa, abalando os eixos do universo,  
São ecos de tua harpa majestosa!!

Porém silêncio, ó gênio, – não mais vibres  
As bronzeas cordas, em que bramam raios,  
pregoeiros da cólera celeste:  
Mostra-me o céu brilhando azul e calmo  
Como a alma do justo, e sobre a terra  
Estende o manto amigo do sossego.  
Deixa errar tua mão nos áureos fios,  
Onde sóis desferir moles cantigas  
A cujos sons se embala a natureza  
Em êxtase suave adormecida.  
E solta a sussurrar por entre as flores

Inquieto bando de lascivos zéfiros:  
Que por seu meigo hálito afagada  
A selva balanceie harmoniosa  
Sua virente cúpula, exalando  
Entre perfumes namorados quebros,  
E de sinistras névoas destoucando-se  
No diáfano azul dos horizontes  
Banhados de luz meiga, os montes surdam.  
Quando sem nuvens, plácida, festiva,  
Tão bela assim, resplende a natureza,  
Me parece que Deus do excelso trono  
Um sorriso de amor à terra envia,  
E corno nesses dias primitivos,  
Lá quando ao sopro seu onipotente  
Formosa a criação do caos surgia,  
Nas obras suas se compraz ainda.

Vem pois, Anjo canoro do deserto,  
Desta harpa a Deus fiel roça em teu vôo  
As fibras sonoras,

E delas fuja um hino harmonioso  
Digno de unir-se aos místicos concertos,  
Que ecoam nas esferas,

Hino banhado nas ardentes ondas  
De santo amor, – que com sonoras asas  
Em torno a Deus sussurre.

Erga-se a minha voz, inda que débil,  
Qual ciciar da cana, que palpita  
Ao sopro de uma aragem!...

Queime-se todo o incenso de minh'alma,  
E em ondas aromáticas se expanda  
Aos pés do Onipotente!...

### **Primeiro sonho de amor**

Que tens, donzela, que tão triste pousas  
Na branca mão a fronte pensativa,  
E sobre os olhos dos compridos cílios  
O negro véu desdobras?

Que sonho merencório hoje flutua  
Sobre essa alma serena, que espelhava  
A imagem da inocência?

Ainda há pouco eu via-te na vida,  
Qual entre flores douda borboleta,  
Brincar, sorrir, cantar...

E nos travessos olhos de azeviche,

De vivos raios sempre iluminados,  
Sorrir doce alegria!

Branco lírio de amor aberto apenas,  
Em cujo puro seio brilha ainda  
A lágrima da aurora,

Acaso sentes já nos tenros pétalos  
O nímio ardor do sol crestar-te o viço,  
Vergar-te o frágil colo?

.....  
.....

Agora acordas do encantado sono  
Da descuidada prazenteira infância,  
E o anjo dos amores  
Em torno meneando as plumas d'ouro,  
Teu seio virginal com as asas roça;  
E qual macia brisa, que esvoaça  
Roubando à flor o delicado aroma,  
Vem roubar-te o perfume da inocência!..

Com sonhos dourados, que os anjos te inspiram,  
Embala, ó donzela, teu vago pensar,  
Com sonhos que envolvem-te em doce tristeza  
De vago cismar:

São nuvens ligeiras, tingidas de rosa,  
Que pairam nos ares, a aurora enfeitando  
De gala formosa.

É bela essa nuvem de melancolia  
Que em teus lindos olhos desmaia o fulgor,  
E as rosas das faces em lírios transforma  
De meigo palor.

Oh! que essa tristeza tem doce magia,  
Qual luz que esmorece lutando co'as sombras  
as vascas do dia.

É belo esse encanto do afeto primeiro,  
Que assoma envolvido nos véus do pudor,  
E ondeja ansioso no seio da virgem  
Que cisma de amor.

Estranho prelúdio de mística lira,  
A cujos acentos o peito afanoso  
Se agita e suspira.

Com sonhos dourados, que os anjos te inspiram  
Embala, ó donzela, teu vago pensar,  
São castos mistérios de amor, que no seio  
Te vêm murmurar:

Sim, deixa pairarem na mente esses sonhos,  
São róseos vapores, que os teus horizontes  
Enfeitam risonhos:

São vagos anelos... mas ah! quem te dera  
Que nesses teus sonhos de ingênuo cismar  
A voz nunca ouvisses, que vem revelar-te  
Que é tempo de amar.

Pois sabe, ó donzela, que as nuvens de rosa,  
Que pairam nos ares, às vezes encerram  
Tormenta horrorosa.

## À uma estrela

Poesia oferecida a meu amigo

o Sr. A. G. G. V. C.

Salve, estrela solitária,  
Que brilhas sobre esse monte,  
Tímida luz maviosa  
Derramando no horizonte.

Eu amo teu manso brilho  
Quando lânguido se esbate,  
Pelos campos cintilando,  
De relva em úmido esmalte;

Quando trêmula argenteias  
Um lago límpido e quedo,  
Quando infiltras meigos raios  
Pelas ramas do arvoredos.

Pálida filha da noite,  
Sempre és pura e maviosa;  
Fulge-te o rosto formoso  
Qual branca orvalhada rosa.

Eu amo teu manso brilho,  
Que como olhar amoroso,  
Vigilante à noite se abre  
Sobre o mundo silencioso,

Ou como um beijo de paz,  
Que o céu sobre a terra envia,  
Na face dela espargindo  
Silêncio e melancolia.

Salve, ó flor do etéreo campo,  
Astro de meigo palor!  
Tu serás, formosa estrela,

O fanal do meu amor.

Neste mundo, que alumias  
Com teu pálido clarão,  
Existe um anjo adorável  
Digno de melhor mansão.

Muitas vezes a verás  
Sõzinha e triste a pensar,  
E seus lânguidos olhares  
Com teus raios se cruzar.

Nas faces a natureza  
Lhe esparziu leve rubor,  
Mas a fronte lisa e calma  
Tem dos lírios o palor.

Mais que o ébano brunido  
Lhe fulge a madeixa esparsa,  
E cos anéis lhe sombreia  
O níveo colo de garça.

Nos lábios de carmim vivo,  
Rara vez paira um sorriso;  
Não pode sorrir na terra,  
Quem pertence ao paraíso.

Seus olhos negros, tão puros  
Como o teu puro fulgor,  
São fontes, onde minh'alma  
Vai abreviar-se de amor.

Se a este mundo odioso,  
Onde me langue a existência,  
Me fosse dado roubar  
Aquele anjo de inocência;

E nesses orbes que giram  
Pelo espaço luminoso,  
Pra nosso amor escolher  
Um asilo mais ditoso...

Se eu pudesse a ti voar,  
Astro de meigo palor,  
E com ela em ti viver  
Eterna vida de amor...

Se eu pudesse... Oh! vão desejo,  
Que me embebe em mil delírios,  
Quando assim de noite cismo  
À luz dos celestes círios!

Porém ao menos um voto  
Vou fazer-te, ó bela estrela,

À minha súplica atende,  
Não é por mim, é por ela;

Tu, que és o astro mais belo  
Que gira no azul do céu,  
Sê seu horóscopo amigo,  
Preside ao destino seu.

Leva-a sobre o mar da vida  
Embalada em sonho ameno,  
Como um cisne, que desliza  
À flor de um lago sereno.

Se diante dos altares  
Curvar os joelhos seus,  
Dirige-lhe a prece ardente  
Direito ao trono de Deus.

Se solitária cismar,  
No mais brando raio teu  
Manda-lhe um beijo de amor;  
E puros sonhos do céu.

Veja sempre no horizonte  
Tua luz serena e mansa,  
Como um sorriso do céu,  
Como um fanal de esperança.

Porém se o anjo celeste  
Sua origem deslembrar,  
E no lodo vil do mundo  
As níveas asas manchar;

Ai! se louca profanando  
De um puro amor a lembrança,  
Em suas mãos sem piedade  
Esmagar minha esperança,

Então, estrela formosa,  
Cubra-te o rosto um bulcão  
E sepulta-te para empre  
Em perpétua escuridão!

## O Ermo

Quæ sint, quæ fuerint, quæ sunt ventura, trahentur.

(Virgílio.)

### I

Ao ermo, ó musa: – além daqueles montes,  
Que, em vaporoso manta rebuçados,  
Avultam Já na extrema do horizonte...  
Eia, vamos; – lá onde a natureza  
Bela e virgem se mostra aos olhos do homem,  
Qual moça indiana, que as ingênuas graças  
Em formosa nudez sem arte ostenta!...  
Lá onde a solidão ante nós surge,  
Majestosa e solene como um templo,  
Em que sob as abóbadas sagradas,  
Inundadas de luz e de harmonia,  
Êxtase santo paira entre perfumes,  
E se ouve a voz de Deus. – Ó musa, ao ermo!...

Como é formoso o céu da pátria minha!  
Que sol brilhante e vívido resplende  
Suspenso nessa cúpula serena!  
Terra feliz, tu és da natureza  
A filha mais mimosa; – ela sorrindo  
Num enlevo de amor te encheu d'encantos,  
Das mais donosas galas enfeitou-te;  
Beleza e vida te espargiu na face,  
E em teu seio entornou fecunda seiva!  
Oh! paire sempre sobre os teus desertos  
Celeste bênção; bem-fadada sejas  
Em teu destino, ó pátria; – em ti recobre  
A prole de Eva o Éden que perdera!

### II

Olha : – qual vasto manto que flutua  
Sobre os ombros da terra, ondeia a selva,  
E ora surdo murmúrio ao céu levanta,  
Qual prece humilde, que no ar se perde,  
Ora açoutada dos tufões revoltos,  
Ruge, sibila, sacudindo a grenha  
Qual hórrida bacante : – ali despenha-se  
Pelo dorso do monte alva cascata,  
Que, de alcantis enormes debruçada,  
Em argentea espadana ao longe brilha,  
Qual longo véu de neve, que esvoaça,  
Pendente aos ombros de formosa virgem,  
E já, descendo a colear nos vales,  
As plagas fertiliza, e as sombras peja

D'almo frescor, e plácidos murmúrios...  
Ali campinas, róseos horizontes,  
Límpidas veias, onde o sol tremula,  
Como em dourada escama refletindo  
Flóreas balsas, colinas vicejantes,  
Toucadas de palmeiras graciosas,  
Que em céu límpido e claro balanceiam  
A coma verde-escura. – Além montanhas,  
Eternos cofres d'ouro e pedraria,  
Coroados de píncaros rugosos,  
Que se embebem no azul do firmamento!  
Ou se te apraz, desçamos nesse vale,  
Manso asilo de sombras e mistério,  
Cuja mudez talvez jamais quebrara  
Humano passo revolvendo as folhas,  
E que nunca escutou mais que os arrulhos  
Da casta pomba, e o soluçar da fonte...  
Onde se cuida ouvir, entre os suspiros  
Da folha que estremece, os ais carpidos  
Dos manes do Indiano, que inda chora  
O doce Éden que os brancos lhe roubaram!...

Que é feito pois dessas guerreiras tribos,  
Que outrora estes desertos animavam?  
Onde foi esse povo inquieto e rude,  
De bronzea cor, de torva catadura,  
Com seus cantos selváticos de guerra  
Restrugindo no fundo dos desertos,  
A cujos sons medonhos a pantera  
Em seu covil de susto estremecia?  
Oh! floresta – que é feito de teus filhos?

Dorme em silêncio o eco das montanhas,  
Sem que o acorde mais o rude acento  
Das guerreiras inúbias : – nem nas sombras  
Seminua, do bosque a ingênua filha  
Na preguiçosa rede se embalança.  
Calaram-se para sempre nessas grutas  
Os proféticos cantos do piaga;  
Nem mais o vale vê esses caudilhos,  
Seus cocar na fronte balançando,  
Por entre o fumo espesso das fogueiras,  
Com sombrio lentor tecer, cantando,  
Essas solenes e sinistras danças,  
Que o festim da vingança precediam.....

Por esses ermos não vereis pirâmides  
Nem mármore, nem bronzes, que assinalem  
Nas eras do porvir feitos de glória;  
Da natureza os filhos não sabiam  
Aos céus erguer soberbos monumentos,  
E nem perpetuar do bardo os cantos,  
Que celebram façanhas do guerreiro,  
– Esses fanais, que acende a mão do gênio,

E vão no mar infindo das idades  
Alumiando as trevas do passado.

Seus insepultos ossos alvejando  
Aqui e além nos solitários campos,  
Rotos tacapes, ressequidos crânios,  
Que estalam sob os pés de errante gado,  
As tabas em ruína, e os mal extintos  
Vestígios das ocaras, onde o sangue  
Do vencido corria em largo jorro  
Entre as pocemas de feroz vingança,  
Eis as relíquias que recordam feitos  
Do forte lidador da rude selva.

De virgem mata a sussurrante cúpula,  
Ou gruta escura, disputada às feras,  
Ou frágil taba, num momento erguida,  
Desfeita no outro dia, eram bastantes  
Para abrigar o filho do deserto;  
No carcás bem provido repousavam  
De todo o seu porvir as esperanças,  
Que suas eram da floresta as aves,  
E nem lhes nega o córrego do vale,  
Límpido jorro que lhe estanque a sede.  
No sol, fonte de luz e de beleza,  
Viam seu Deus, prostrados o adoravam,  
Na terra a mãe, que os nutre com seus frutos,  
Sua única lei – na liberdade.

Oh! floresta, que é feito de teus filhos?  
Esta mudez profunda dos desertos  
Um crime – bem atroz! – nos denuncia.  
O extermínio, o cativeiro, a morte  
Para sempre varreu de sobre a terra  
Essa mísera raça, – nem ficou-lhes  
Um canto ao menos, onde em paz morressem!  
Como cinza, que os euros arrebatam,  
Se esvaeceram, – e do tempo a destra  
Seus nomes mergulho no esquecimento.

Mas tu, ó musa, que piedosa choras,  
Curvada sobre a urna do passado,  
Tu, que jamais negaste ao infortúnio  
Um canto expiatório, eia, consola  
Do pobre Indiano os errados manes,  
E sobre a ingloria cinza dos proscritos  
Com teus cantos ao menos uma lágrima  
Faze correr de compaixão tardia.

### III

Ei-lo, que vem, de ferro e fogo armado,  
Da destruição o gênio formidável,  
Em sua fatal marcha devastando

O que de mais esplêndido e formoso  
Alardeia no ermo a natureza;  
Que nem somente o íncola das selvas  
De seu furor foi vítima; – após ele  
Rui também a cúpula virente,  
Único abrigo seu, – sua riqueza.  
Esta trêmula abóbada, que ruga  
Por seculares troncos sustentada,  
Este silêncio místico, estas sombras,  
Que agora me derramam sobre a fronte  
Suave inspiração, cismar saudoso,  
Vão em breve morrer ; – lá vem o escravo,  
Brandindo o ferro, que dá morte às selvas,  
E – afanoso – põe peito à ímpia obra: –  
Já o tronco, que os séculos criaram,  
Ao som dos cantos do africano adusto  
Geme aos sonoros, compassados golpes,  
Que vão nas brenhas ressoando ao longe;  
Soa o último golpe, – range o tronco,  
O tope excelso trêmulo vacila,  
E desabando com gemido horrendo  
Restruge qual trovão de monte em monte  
Nas solidões profundas reboando.  
Assim vão baqueando uma após outra  
Da floresta as colunas venerandas;  
E todas essas cúpulas imensas,  
Que inça há pouco no céu balanceando,  
A sanha dos tufões desafiavam,  
Aí jazem, como ossadas de gigantes,  
Que num dia de cólera prostrara  
O raio do Senhor.

Oh! mais terrível  
Que o raio, que o dilúvio, o rubro incêndio  
Vem consumir essa obra deplorável.....  
Qual hidra formidável, no ar exalça  
A crista sanguinosa, sacudindo  
Com medonho rugido as ígneas asas,  
E negros turbilhões de fumo ardente  
Das abrasadas fauces vomitando,  
Em hórrido negrume os céus sepulta.....  
Estala, ruga, silva, devorando  
Da floresta os cadáveres gigantes;  
Voam sem tino as aves assustadas  
No ar soltando pios lamentosos,  
E as feras, em tropel tímidas correm,  
A se embrenhar no fundo dos desertos,  
Onde vão demandar nova guarida.....  
Tudo é cinza e ruína: – adeus, ó sombra,  
Adeus, murmúrio, que embalou meus sonhos,  
Adeus, sonoro frêmito das auras,  
Sussurros, queixas, suspirosos ecos,  
Da solidão misterioso encanto!  
Adeus! – Em vão a pomba esvoaçando

Procura um ramo em que fabrique o ninho;  
Em vão suspira o viajor cansado  
Por uma sombra, onde repouse os membros  
Repassados do ardor do sol a pino!  
Tudo é cinza e ruína, – tudo é morto!!

E tu, ó musa, que amas o deserto  
E das caladas sombras o mistério,  
Que folgas de embalar-te aos sons aéreos  
D'almas canções, que a solidão murmura,  
Que amas a criação, qual Deus formou-a,  
– Sublime e bela – vem sentar-te, ó musa,  
Sobre estas ruínas, vem chorar sobre elas.  
Chora com a avezinha, a quem roubaram  
O ninho seu querido, e com teus cantos  
Procura adormecer o férreo braço  
Do impróvido colono, que semeia  
Somente estragos neste chão fecundo!

#### IV

Mas, não te queixes, musa; – são decretos  
Da eterna providência irrevogáveis!  
Deixa passar destruição e morte  
Nessas risonhas e fecundas plagas,  
Como charrua, que revolve a terra,  
Onde terminam do porvir os frutos.  
O homem fraco ainda, e que hoje a custo,  
Da criação a obra mutilando,  
Sem nada produzir destrui apenas,  
Amanhã criará; sua mão potente,  
Que doma e sobrepuja a natureza,  
Há de imprimir um dia forma nova  
Na face deste solo imenso e belo:  
Tempo virá em que nessa valada  
Onde flutua a coma da floresta,  
Linda cidade surja, branquejando  
Como um bando de garças na planície;  
E em lugar desse brando rumorejo  
Aí murmurará a voz de um povo;  
Essas encostas brancas e sombrias  
Serão risonhos parques suntuosos;  
E esses rios, que vão por entre sombras  
Ondas caudais serenos resvalando,  
Em vez do tope escuro das florestas,  
Refletirão no límpido regaço  
Torres, palácios, coruchéus brilhantes,  
Zimbórios majestosos, e castelos  
De bastiões sombrios coroados,  
Esses bulções da guerra, que do seio  
Com horrendo fragor raios despejam.  
Rasgar-se-ão os serros altaneiros,  
Encher-se-ão dos vales os abismos:  
Mil estradas, qual vasto labirinto,

Cruzar-se-ão por montes e planuras;  
Curvar-se-ão os rios sob arcadas  
De pontes colossais; – canais imensos  
Virão surcar a face das campinas,  
E estes montes verão talvez um dia,  
Cheios de assombro, junto às abas suas  
Velejarem os lenhos do oceano!

Sim, ó virgem dos trópicos formosa,  
Nua e singela filha da floresta,  
Um dia, em vez da simples arazóia,  
Que mal te encobre o gracioso talhe,  
Te envolverás em flutuantes sedas,  
E abandonando o canitar de plumas,  
Que te sombreia o rosto cor de jambo,  
Apanharás em tranças perfumadas  
A coma escura, e dos donosos ombros  
Finos véus penderão. Em vez da rede,  
Em que te embalas da palmeira à sombra,  
Repousarás sobre coxins de púrpura,  
Sob dosséis esplêndidos. – Ó virgem,  
Serás então princesa, – forte e grande,  
Temida pelos príncipes da terra;  
E de brilhante auréola cingida  
Sobre o mundo alçarás a fronte altiva!  
Mas, quando em tua mente revolveres  
As memórias das eras que já foram,  
Lá quando dentro d'alma despertares  
Do passado lembranças quase extintas,  
Dos bosques teus, de tua rude infância  
Talvez terás saudade.

## O Devanear de um céptico

Tout corps som ombre et tout  
esprit son doute. (V. Hugo)

Ai da avezinha, que a tormenta um dia  
Desgarrara da sombra de seus bosques,  
Arrojando-a em desertos desabridos  
De brônzeo céu, de férvidas areias;  
Adeja, voa, paira.... nem um ramo  
Nem uma sombra encontra onde repouse,  
E voa, e voa ainda, ate que o alento  
De todo lhe falece - colhe as asas,  
Cai na areia de fogo, arqueja, e morre....  
Tal é, minh'alma, o fado teu na terra;  
O tufão da descrença desvairou-te  
Por desertos sem fim, onde em vão buscas  
Um abrigo onde pouses, uma fonte  
Onde apagues a sede que te abrasa!

.....  
Ó mortal, por que assim teus olhos cravas  
Na abóbada do céu? - Queres ver nela  
Decifrado o mistério inescrutável  
Do teu ser, e dos seres que te cercam?  
Em vão seu pensamento audaz procura  
Arrancar-se das trevas que o circundam,  
E no ardido vôo abalançar-se  
Às regiões da luz e da verdade;  
Baldado afã! - no espaço ei-lo perdido,  
Como astro desgarrado de sua órbita,  
Errando às tontas na amplidão dos vácuo!  
Jamais pretendas estender teus vôos  
Além do escasso e pálido horizonte  
Que mão fatal em torno te há traçado....  
Com barreira de ferro o espaço e o tempo  
Em acanhado círculo fecharam  
Tua pobre razão: - em vão forcejas  
Por transpor essa meta inexorável;  
Os teus domínios entre a terra e os astros,  
Entre o túmulo e o berço estão prescritos:  
Além, que enxergas tu? - o vácuo e o nada!...

Oh! feliz quadra aquela, em que eu dormia  
Embalado em meu sono descuidoso  
No tranqüilo regaço da ignorância;  
Em que minh'alma, como fonte límpida  
Dos ventos resguardada em quieto abrigo,  
Da fé os raios puros refletia!  
Mas num dia fatal encosto à boca  
A taça da ciência - senti sede  
Inextinguível a crestar-me os lábios;  
Traguei-a toda inteira -, mas encontro  
Por fim travor de fel - era veneno,  
Que no fundo continha -, era incerteza!  
Oh! desde então o espírito da dúvida,  
Como abutre sinistro, de contínuo  
Me paira sobre o espírito, e lhe entorna  
Das turvas asas a funérea sombra!  
De eterna maldição era bem digno  
Quem primeiro tocou com mão sacrílega  
Da ciência na árvore vedada  
E nos legou seus venenosos frutos...

Se o verbo criador pairando um dia  
Sobre a face do abismo, a um só aceno  
Evocava do nada a natureza,  
E do seio do caos surgir fazia  
A harmonia, a beleza, a luz, a ordem,  
Por que deixou o espírito do homem  
Sepulto ainda em tão profundas trevas,  
A debater-se neste caos sombrio,  
Onde embriões informes tumultuam,  
Inda aguardando a voz que à luz os chame?

Quando, espancando as sombras sonolentas,  
Surge a aurora no coche radiante,  
Inundado de luz o firmamento,  
Entre o rumor dos vivos que despertam,  
Levanto a minha voz, e ao sol, que surge,  
Pergunto: - Onde está Deus? - ante meus olhos  
A noite os véus diáfonos desdobra,  
Vertendo sobre a terra almo silêncio,  
Propício ao cismador - então minha alma  
Desprende o vôo nos etéreos páramos,  
Além dos sóis, dos mundos, dos cometas,  
Varando afouta a profundez do espaço,  
Anelando entrever na imensidade  
A eterna fonte, donde a luz emana...  
Ó pálidos fanais, trêmulos círios,  
Que nas esferas guiais da noite o carro,  
Planetas, que em cadências harmoniosa  
No éter cristalino ides boiando,  
Dizei-me - onde está Deus? - sabeis se existe  
Um ente, cuja mão eterna e sábia  
Vos esparziu pela extensão do vácuo,  
Ou do seio do caos desbrochastes  
Por insondável lei do cego acaso?  
Conheceis esse rei, que rege e guia  
No espaço infindo vosso errante curso?  
Eia, dizei-me, em que regiões ignotas  
Se eleva o trono seu inacessível?

Mas em vão enterrogo os céus e os astros,  
Em vão do espaço a imensidão percorro  
Do pensamento as asas fatigando!  
Em vão - todo o universo imóvel, mudo,  
Sorrir parece de meu vão desejo!  
Dúvida - eis a palavra que eu encontro  
Escrita em toda a parte - ela na terra,  
E no livro dos céus vejo gravada,  
É ela que a harmonia das esferas  
Entoa sem cessar a meus ouvidos!

Vinde, ó sábios, alâmpadas brilhantes,  
Que ardestes sobre as aras da ciência,  
Agora desdobrai ante meus olhos  
Essas páginas, onde meditando  
Em profundo cismar cair deixastes  
De vosso gênio as vívidas centelhas:  
Dai-me o fio subtil, que me conduza  
Pelo vosso intricado labirinto:  
Rasgai-me a venda, que me enubla os olhos,  
Guiai meus passos, que embrenhar-me quero  
Do raciocínio das regiões sombrias,  
E surpreender no seio de atrás nuvens  
O escondido segredo...

Oh! louco intento!...  
Em mil vigílias palejou-me a fronte,  
E amorteceu-se o lume de seus olhos  
A sondar esse abismo tenebroso,  
Vasto e profundo, em que as mil hipóteses,  
Os erros mil, os engenhosos sonhos,  
Os confusos sistemas se debatem,  
Se confundem, se roçam, se abalroam,  
Em um caos sem fim turbilhonando:  
Atento a lhe escutar o seio lôbrego  
Em vão cansei-me; nesse afã penoso  
Uma negra vertigem pouco e pouco  
Me enubla a mente, e a deixa desvairada  
No escuro abismo flutuando incerta!

.....  
Filosofia, dom mesquinho e frágil,  
Farol enganador de escasso lume,  
Tu só geras um pálido crepúsculo,  
Onde giram fantasmas nebulosos,  
Dúbias visões, que o espírito desvairam  
Num caos de intermináveis conjeturas.  
Despedaça essas páginas inúteis,  
Triste apanágio da fraqueza humana,  
Em vez de luz, amontoando sombras  
No santuário augusto da verdade.  
Um palavra só talvez bastara  
Pra saciar de luz meu pensamento;  
Essa ninguém a sabe sobre a terra!...

Só tu, meu Deus, só tu dissipar podes  
A, que os olhos me cerca, escura treva!  
Ó tu, que és pai de amor e de piedade,  
Que não negas o orvalho à flor do campo,  
Nem o tênue sustento ao vil inseto,  
Que de infinda bondade almos tesouros  
Com profusão derramas pela terra,  
Ó meu Deus, por que negas à minha alma  
A luz que é seu alento, e seu conforto?  
Por que exilaste a tua criatura  
Longe do sólio teu, cá neste vale  
De eterna escuridão? - Acaso o homem,  
Que é pura emanção da essência tua,  
É que se diz criado à tua imagem,  
De adorar-te em ti mesmo não é digno,  
De contemplar, gozar tua presença,  
De tua glória no esplendor perene?  
Oh! meu Deus, por que cinges o teu trono  
Da impenetrável sombra do mistério?  
Quando da esfera os eixos abalando  
Passa no céu entre abrasadas nuvens  
Da tempestade o carro fragoroso,  
Senhor, é tua cólera tremenda  
Que brada no trovão, e chove em raios?  
E o íris, essa faixa cambiante,

Que cinge o manto azul do firmamento,  
Como um laço que prende aos céus a terra,  
É de tua clemência anúncio meigo?  
É tua imensa glória que resplende  
No disco flamejante, que derrama  
Luz e calor por toda a natureza?  
Dize, ó Senhor, por que a mão ocultas,  
Que a flux espargue tantas maravilhas?  
Dize, ó Senhor, que para mim não mudas  
As páginas do livro do universo!...  
Mas, ai! que o invoco em vão! ele se esconde  
Nos abismos de sua eternidade.

.....  
Um eco só da profundez do vácuo  
Pavoroso retumba, e diz - dúvida!....

Virá a morte com as mãos geladas  
Quebrar um dia esse terrível selo,  
Que a meus olhos esconde tanto arcanos?

.....  
Ó campa! - atra barreira inexorável  
Entre a vida e a morte levantada!  
Ó campa, que mistérios insondáveis  
Em teu escuro seio muda encerras?  
És tu acaso o pórtico do Elísio,  
Que nos franqueias as regiões sublimes  
Que a luz da verdade eterna brilha?  
Ou és do nada a fauce tenebrosa,  
Onde a morte pra sempre nos arroja  
Em um sono sem fim adormecidos!  
Oh! quem pudera levantar afouto  
Um canto ao menos desse véu tremendo  
Que encobre a eternidade...

Mas de balde  
Interrogo o sepulcro - e o debruçado  
Sobre a voragem tétrica e profunda,  
Onde as extintas gerações baqueiam,  
Inclino o ouvido, a ver se um eco ao menos  
Das margens do infinito me responde!  
Mas o silêncio que nas campas reina,  
É como o nada - fúnebre e profundo...

.....  
Se ao menos eu soubesse que co'a vida  
Terminariam tantas incertezas,  
Embora os olhos meus além da campa,  
Em vez de abrir-se para a luz perene,  
Fossem na eterna escuridão do nada  
Para sempre apagar-se... - mas quem sabe?  
Quem sabe se depois desta existência  
Renascerei - pra duvidar ainda?!...

## Desalento

Nestes mares sem bonança,  
Boiando sem esperança,  
Meu baixel em vão se cansa  
Por ganhar o amigo porto;  
Em sinistro negro véu  
Minha estrela se escondeu;  
Não vejo luzir no céu  
Nenhum lume de conforto.

A tormenta desvairou-me,  
Mastro e vela escalavrou-me,  
E sem alento deixou-me  
Sobre o elemento infiel;  
Ouço já o bramir tredo  
Das vagas contra o penedo  
Onde irá - talvez bem cedo -  
Soçobrar o meu batel.

No horizonte não lobrigo  
Nem praia, nem lenho amigo,  
Que me salve do perigo,  
Nem fanal que me esclareça;  
Só vejo as vagas rolando,  
Pelas rochas soluçando,  
E mil coriscos sulcando  
A medonha treva espessa.

Voga, baixel sem ventura,  
Pela túrbida planura,  
Através da sombra escura,  
Voga sem leme e sem norte;  
Sem velas, fendido o mastro,  
Nas vagas lançado o lastro,  
E sem ver nos céus um astro,  
Ai! que só te resta a morte!

Nada mais ambiciono,  
Às vagas eu te abandono,  
Como cavalo sem dono  
Pelos campos a vagar;  
Voga nesse pego insano,  
Que nos roncões do oceano  
Ouço a voz do desengano  
Pavorosa a ribombar!

Voga, baixel foragido,  
Voga sem rumo - perdido,  
Pelos tormentas batido,  
Sobre o elemento infiel;  
Para ti não há bonança;  
À toa, sem leme avança

Neste mar sem esperança,  
Voga, voga, meu baixel!

## No meu aniversário

Ao meu amigo o Sr. F.J. de Cerqueira

Hélas! hélas! mes années  
Sur ma tête tombent fanées,  
Et ne refleuriront jamais.  
(Lamartine)

Não vês, amigo? - Lá desponta a aurora  
Seus róseos véus nos montes desdobrando;  
Traz ao mundo beleza, luz e vida,  
Traz sorrisos e amor;  
Foi esta qu'outro tempo  
Meu berço bafejou, e as tenras pálpebras  
Me abriu à luz da vida,  
E vem hoje no circulo dos tempos  
Marcar sorrindo o giro de meus anos.  
Já vai bem longe a quadra da inocência,  
Dos brincos e dos risos descuidos os;  
Lá s'embrenham nas sombras do passado  
Os da infância dourados horizontes.  
Oh! feliz quadra! - então eu não sentia  
Roçar-me pela fronte  
A asa do tempo estragadora e rápida;  
E este dia de envolta com os outros  
Lá s'escoava desapercibido;  
la-me a vida em sonhos prazenteiros,  
Como ligeira brisa  
Entre perfumes leda esvoaçando.  
Mas hoje que caiu-me a venda amável!  
Que as misérias da vida me ocultava,  
Eu vejo com tristeza  
O tempo sem piedade ir desfolhando  
A flor dos anos meus;  
Vai-se esgotando a urna do futuro  
Sem do seio sair-lhe os dons sonhados  
Na quadra em que a esperança nos embala  
Com seu falaz sorriso.  
Qual sombra vá, que passa  
Sem vestígios deixar em seus caminhos,  
Eu vou transpondo a arena da existência,  
Vendo irem-se escoando uns após outros  
Os meus estéreis dias,  
Qual náufrago em rochedo solitário,  
Vendo a seus pés quebrar-se uma por uma  
As ondas com monótono bramido,  
Ah! sem jamais no dorso lhe trazerem

O lenho salvador!  
Amigo, o fatal sopro da descrença  
Me roça às vezes n'alma, e a deixa nua,  
E fria como a laj em do sepulcro;  
Sim, tudo vai-se; sonhos de esperança,  
Férvidas emoções, anelos puros,  
Saudades, ilusões, amor e crenças,  
Tudo, tudo me foge, tudo voa  
Como nuvem de flores sobre as asas  
De rábido tufão.  
Onde vou? Para onde me arrebatam  
Do tempo as ondas rápidas?  
Por que ansioso corro a esse futuro,  
Onde reinam as trevas da incerteza?  
E se através de escuridão perene  
Só temos de sulcar ignotos mares  
De escolhos semeados,  
Não é melhor abandonar o leme,  
Cruzar no peito os braços,  
E deixar nosso lenho errar às tontas,  
Entregue às ondas da fatalidade?

.....  
.....

Ah! tudo é incerteza, tudo sombras,  
Tudo um sonhar confuso e nebuloso,  
Em que se agita o espírito inquieto,  
Até que um dia a plúmbea mão da morte  
Nos venha despertar,  
E os sombrios mistérios revelar-nos,  
Que em seu escuro seio  
Com férreo selo guarda a campa avara.

## Visita à sepultura de meu irmão

A noite sempiterna

Que tu tão cedo vists,  
Cruel, acerba e triste  
Sequer da tua idade não te dera  
Que lograsses a fresca primavera?  
(Camões)

Não vês nessa colina solitária  
Aquela ermida, que sozinha alveja  
O esguio campanário aos céus erguendo,  
Como garça, que em meio das campinas  
Alça o colo de neve?  
E junto a ela um téscro muro cinge  
A pousada dos mortos nua e triste,  
Onde, plantada em meio, a cruz se eleva,  
A cruz, bússola santa e venerável

Que nas tormentas e vaivéns da vida  
O porto indica da celeste pátria....  
Nem moimento, nem piedosa letra  
Vem aqui iludir a lei do olvido;  
Nem árvore funérea aí sussurra,  
Prestando pia sombra ao chão dos mortos;  
Nada quebra no lúgubre recinto  
A paz sinistra que rodeia os túmulos:  
Ali reina sozinha  
Na hedionda nudez calcando as campas  
A implacável rainha dos sepulcros;  
E só de quando em quando  
Vento da soidão passa gemendo,  
E levanta a poeira dos jazigos.

Aqui tristes lembranças dentro d'alma  
Eu sinto que se acordam, como cinza,  
Que o vento de entre os túmulos revolve;  
Meu infeliz irmão, aqui me surges,  
Como a imagem de um sonho esvaecido,  
E no meu coração sinto ecoando,  
Qual débil som de suspirosa aragem,  
Tua voz querida a murmurar meu nome.  
Pobre amigo! - no albor dos anos tenros,  
Quando a esperança com donoso riso  
Nos braços te aflagava,  
E desdobrava com brilhantes cores  
O painel do futuro ante os teus olhos,  
Eis que sob teus passos se abre súbito  
O abismo do sepulcro....

E aquela fronte juvenil e pura,  
Tão preta de futuro e d'esperança,  
Aquele fronte que talvez sonhava  
Ir no outro dia, - ó irrisão amarga!  
Repousar docemente em niveo seio,  
Entre os risos de amor adormecida,  
Vergada pela férrea mão da morte,  
Caiu lívida e fria  
No duro chão, em que repousa agora.  
E hoje que venho no aposento lúgubre  
Verter piedoso orvalho de saudade  
Na planta emurchecida,  
Ah! nem ao menos nesse chão funéreo  
Os vestígios da morte encontrar posso!  
Tudo aqui é silêncio, tudo olvido,  
Tudo apagou-se sob os pés do tempo...

Oh! que é consolo ver ondear a coma  
Duma árvore funérea sobre a lousa,  
Que escondeu para sempre a nossos olhos  
D'um ente amado inanimados restos.  
Cremos que a alma o espírito do morto;  
Nos místicos rumores da folhagem

Cuidamos escutar-lhe a voz dorida  
Alta noite gemendo, e em sons confusos  
Mistérios murmurando d'além-mundo.  
Desgrenhado chorão, cipreste esguio,  
Funéreas plantas dos jardins da morte,  
Monumentos de dor, em que a saudade  
Em nênia perenal vive gemendo,  
Parece que com lúgubre sussurro  
Ao nosso dó piedosos se associam,  
E erguendo ao ar os verde-negros ramos  
Apontam para o céu, sagrado asilo,  
Refúgio extremo a corações viúvos,  
Que colados à pedra funerária,  
Tão fria, tão estéril de consolos,  
O seu dorido luto em vãos lamentos  
Arrastam pelo pó das sepulturas.

Mas - nem um goivo, nem funérea letra,  
Amiga mão plantou neste jazigo;  
Ah! ninguém disse à árvore dos túmulos  
- Aqui sobre esta campa  
Cresce, ó cipreste, e geme sobre ela,  
Qual minha dor, em murmurio eterno! -  
Sob essa grama pálida e enfezada  
Entre os outros aqui perdido jazes  
Dormindo o teu eterno e fundo sono...  
Sim, pobre flor, sem vida aqui ficaste,  
Envolta em pó, dos homens esquecida.

"Dá-me tua mão, amigo,  
"Marchemos juntos nesta vida estéril,  
"Vereda escura que conduz ao túmulo;  
"O anjo da amizade desde o berço  
"Nossos dias urdiu na mesma teia;  
"Ele é quem doura os nossos horizontes,  
"E a nossos pés alguma flor esparge....  
"Quais dous regatos, que ao cair das urnas  
"Se encontram na valada, e num só leito  
"Se abraçam, se confundem,  
"E quer volvam serenos, refletindo  
"O azul do céu e as florejantes ribas,  
"Quer furiosos ronquem  
"Em boqueirões sombrios despenhados,  
"Sempre unidos num só vão serpeando  
"Té se perderem na amplidão dos mares,  
"Tais volvam nossos dias;  
"A mesma taça no festim da vida  
"Para ambos sirva, seja fel ou néctar:  
"E quando enfim, completo o nosso estádio,  
"Formos pedir um leito de repouso  
"No asilo dos finados,  
"A mesma pedra nossos ossos cubra!"  
É assim que tu falavas  
Ao amigo, que aos cândidos acentos

De teu falar suave atento ouvido  
Inclinava sorrindo:  
E hoje o que é feito desse sonho ameno,  
Que nos dourava a ardente fantasia?  
Dessas palavras de magia cheias,  
Que em melíflua torrente deslizavam  
De teus lábios sublimes?  
São vagos sons, que me murmuram n'alma,  
Qual reboa gemendo no alaúde  
A corda que estalara.

Ledo arroio que vinhas da montanha  
Descendo alvo e sonoro,  
O sol abraçado do deserto  
Num dia te secou as ondas límpidas,  
E eu fiquei só, trilhando a escura senda,  
Sem tuas puras águas  
Para orvalhar-me os ressequidos lábios,  
Sem mais ouvir o trépido murmúrio,  
Que em tão plácidos sonhos m'embalava....

Mas - cessem nossas queixas, e curvemo-nos  
Aos pés daquela cruz, que ali se exalça,  
Símbolo sacrossanto do martírio,  
Fanal de redenção,  
Que na hora do extremo passamento  
Por entre a escura sombra do sepulcro  
Mostra ao cristão as portas radiantes  
Da celeste Solima, - ei-la que fulge  
Como luz de esperança ao caminhante,  
Que transviou-se em noite de tormenta;  
E alçada sobre as campas  
Parece estar dizendo à humanidade:  
Não choreis sobre aqueles que aqui dormem;  
Não mais turbeis com vossos vãos lamentos  
O sono dos finados.  
Eles foram gozar bens inefáveis  
Na pura esfera, onde d'aurora os raios  
Seu brilho perenal jamais extinguem,  
Deixando sobre a margem do jazigo  
A cruz dos sofrimentos.

Adeus, portanto, fúnebre recinto!  
E tu, amigo, que tão cedo vieste  
Pedir pousada na mansão dos mortos,  
Adeus! - foste feliz, - que a senda é rude,  
O céu é tormentoso, e o pouso incerto.

### **À sepultura de um escravo**

Também do escravo a humilde sepultura  
Um gemido merece de saudade:  
Uma lágrima só corra sobre ela

De compaixão ao menos...  
Filho da África, enfim livre dos ferros  
Tu dormes sossegado o eterno sono  
Debaixo dessa terra que regaste  
De prantos e suores.

Certo, mais doce te seria agora  
Jazer no meio lá dos teus desertos  
À sombra da palmeira, não faltara  
Piedoso orvalho de saudosos olhos  
Que te regasse a campa;  
Lá muita vez, em noites d'alva lua,  
Canção chorosa, que ao tanger monótono  
De rude lira teus irmãos entoam,  
Teus manes acordara:  
Mas aqui - tu aí jazes como a folha  
Que caiu na poeira do caminho,  
Calcada sob os pés indiferentes  
Do viajor que passa.

Porém que importa - se repouso achaste,  
Que em vão buscavas neste vale escuro,  
Fértil de pranto e dores;  
Que importa - se não há sobre esta terra  
Para o infeliz asilo sossegado?  
A terra é só do rico e poderoso,  
E desses ídolos que a fortuna incensa,  
E que, ébrios de orgulho,  
Passam, sem ver que co 'as velozes rodas  
Seu carro d'ouro esmaga um mendigante  
No lodo do caminho !...  
Mas o céu é daquele que na vida  
Sob o peso da cruz passa gemendo;  
É de quem sobre as chagas do inditoso  
Derrama o doce bálsamo das lágrimas;  
E do órfão infeliz, do ancião pesado,  
Que da indignância no bordão se arrima;  
do pobre cativo, que em trabalhos  
No rude afã exala o alento extremo;  
- O céu é da inocência e da virtude,  
O céu é do infortúnio.

Repousa agora em paz, fiel escravo,  
Que na campa quebraste os ferros teus,  
No seio dessa terra que regaste  
De prantos e suores.  
E vós, que vindes visitar da morte  
O lúgubre aposento,  
Deixai cair ao menos uma lágrima  
De compaixão sobre essa humilde cova;  
Aí repousa a cinza do Africano,  
- O símbolo do infortúnio.

## O destino do vate

À memória de F'. Dutra e Meio

Entretanto não me alveja a fronte, nem minha cabeça pende  
ainda para a terra, e contudo sinto que hei pouco de vida.  
(Dutra e Melo)

Em manso adejo o cisne peregrino  
Passou roçando as asas pela terra,  
E sonoros quebros gorjeando  
Despareceu nas nuvens.  
Não quis mesclar do mundo aos vãos rumores  
A celeste harmonia de seus carmes;  
Passou - foi demandar em outros climas  
Pra suas asas mais tranqüilo pouso,  
Ares mais puros, onde espalhe o canto;  
Onde foi ele - em meio assim deixando  
Quebrado o acento da canção sublime,  
Que apenas encetara?  
Onde foi ele? em que felizes margens  
Desprende agora a voz harmoniosa?  
Estranho ao mundo, nele definhava  
Qual flor, qu'entre fraguedos  
Em solo ingrato langue esmorecida:  
Uma nuvem perene de tristeza  
O rosto lhe ensombrava - parecia  
Serafim exilado sobre a terra,  
Da harpa divina tentando as cordas  
Pra mitigar do exílio os dissabores.

Triste poeta, que sinistra idéia  
Pende-te assim a fronte empalecida?  
Que dor fatal ao túmulo te arrasta  
Inda no viço de teus belos anos?  
Que acento tão magoado,  
Que lacera, que dói no seio d'alma,  
Exala a tua lira,  
Funéreo como um eco dos sepulcros?  
Tua viagem começaste apenas,  
E eis que já de fadiga extenuado  
Co desânimo n'alma te reclinas  
À margem do caminho?!

Olha, ó poeta, como a natureza  
Em torno te desdobra  
Sorrindo o seu painel cheio de encantos:  
Eis um vasto horizonte, um céu sereno,  
Serras, cascatas, ondeantes selvas,  
Rios, colinas, campos de esmeralda,  
Aqui vales de amor, vergéis floridos,

De frescas sombras perfumado asilo,  
Além erguendo a voz ameaçadora  
O mar, como um leão rugindo ao longe,  
Ali dos montes as gigantes formas  
Com as nuvens do céu a confundir-se,  
Desenhando-se em longes vaporosos.  
Donoso quadro, que me arrouba os olhos,  
N'alma acordando inspirações saudosas!  
Tudo é beleza, amor, tudo harmonia,  
Tudo a viver convida,  
Vive, ó poeta, e canta a natureza.

Nas sendas da existência  
As flores do prazer ledas vicejam;  
À mesa do festim vem pois sentar-te,  
Sob uma coroa de virentes rosas  
Vem esconder os prematuros sulcos,  
Vestígios tristes de vigílias longas,  
De austero meditar, que te ficaram  
Na larga frente impressos.  
Dissipe-se aos sorrisos da beleza  
Essa tristeza, que te abafa a mente.  
Ama, ó poeta, e o mundo que a teus olhos  
Um deserto parece árido e feio,  
Sorrir-se-á, qual horto de delícias:  
Vive e canta os amores.

Mas se a dor é partilha de tua alma,  
Se concebeste tédio de teus dias  
Volvidos no infortúnio:  
Que importa, ó vate; vê pura e donosa  
Sorrir-se a tua estrela  
No encantado horizonte do futuro.  
Vive e sofre, que a dor co'a vida passa,  
Enquanto a glória em seu fulgor perene  
No limiar do porvir teu nome aguarda  
Para enviá-lo às gerações vindouras.  
E então mais belos brilharão teus louros  
Entrançados co'a palma do martírio;  
Vive, ó poeta, e canta para a glória.

Porém - respeito a essa dor sublime -  
Selo gravado pela mão divina  
Sobre a fronte do gênio,  
Não foram para os risos destinados  
Esses lábios severos, donde emana  
A linguagem dos céus em igneos versos;  
Longe dele a vá turba dos prazeres,  
Longe os do mundo passageiros gozos,  
Breves flores de um dia, que fenecem  
Da sorte ao menor sopro.  
Não, - não foi das paixões o bafo ardente  
Que os ledos risos lhe crestou nos lábio;  
A tormenta da vida ao longe passa,

E não ousa turbar com seus rugidos  
A paz dessa alma angélica e serena,  
Cujos tão castos ideais afetos  
Só pelos céus adejam.  
Alentado somente da esperança  
Contempla resignado  
As sombras melancólicas, qu'enlutam  
O horizonte da vida; - mas vê nelas  
Um crepúsculo breve, que antecede  
O formoso clarão da aurora eterna.  
Quando vem pois sua hora derradeira,  
Saúda sem pavor a muda campã,  
E sobre o leito do eternal repouso  
Tranqüilo se reclina.  
Oh! não turbeis os seus celestes sonhos;  
Deixai correr nas sombras do mistério  
Seus tristes dias: - triste é seu destino,  
Como o luzir de mombunda estrela  
Em céu caliginoso.  
Tal é seu fado; - o anjo d'harmonia  
C'uma das mãos lhe entrega a lira d'ouro,  
Noutra lhe estende o cálix da amargura.

Bem como o incenso, que só verte aromas  
Quando se queima, e ardendo se evapora,  
Assim do vate a mente  
Aquecida nas fráguas do infoitúnio,  
Na dor bebendo audácia e força nova  
Mais pura ao céu se arrouba, e acentos vibra  
De insólita harmonia.  
Sim - não turbeis os seus celestes sonhos,  
Deixai, deixai sua alma isenta alar-se  
Sobre as asas do êxtase divino,  
Deixai-a, que adejando pelo empíreo  
Vá aquecer-se ao seio do infinito,  
E ao céu roubar segredos de harmonia,  
Que sonorosos troem  
D'harpa sublime nas melífluas cordas.

Mas ei-la já quebrada, -  
Ei-la sem voz suspensa sobre um túmulo,  
Essa harpa misteriosa, qu'inda há pouco  
Nos embalava ao som de endeixas tristes  
Repassadas de amor e de saudade.  
Ninguém lhe ouvirá mais um só arpejo,  
Que a férrea mão da morte  
Pousou sobre ela, e lhe abafou pra sempre  
A voz das áureas cordas.  
Porém, ó Dutra, enquanto lá no elísio  
Saciando tua alma nas enchentes  
Do amor e da beleza, entre os eflúvios  
De perenais delícias,  
E unido ao coro dos celestes bardos,  
O fogo teu derramas

Aos pés de Jeová em gratos hinos,  
A glória tua, teus eternos cantos,  
Quebrando a mudez fúnebre das campas  
E as leis do frio olvido, com teu nome  
Através do porvir irão traçando  
Um sulco luminoso.

## Esperança

Espère, enfant! - demain! - et puis demain encore;  
Et puis, toujours demain! (V. Hugo)

Singrando vai por mares não sulcados  
Aventureiro nauta, que demanda  
Ignotas regiões, sonhados mundos;  
Ei-lo que audaz se entranha  
Na solidão dos mares - a esperança  
Em lisonjeiros sonhos já lhe pinta  
Rica e formosa a terra suspirada,  
E corre, corre o nauta  
Avante pelo páramo das ondas;  
Além um ponto surge no horizonte  
Confuso - é terra! - e o coração lhe pula  
De insólito prazer.  
Terra! - terra! - bradou - e era uma nuvem!  
E corre, corre o nauta  
Avante pelo páramo das ondas;  
No profundo horizonte os olhos ávidos  
Ansioso embebe; - ai! que só divisa  
Ermos céus, ermas ondas.  
O desalento já lhe coa n'alma;  
Oh! não; eis nos confins lá do oceano  
Um monte se desenha;  
Não é mais ilusão - já mais distinto  
Surge acima das ondas - oh! é terra!  
Terra! - terra! - bradou; era um rochedo,  
Onde as ondas batendo eternamente  
Rugindo se espedaçam.  
Eis do nosso passar por sobre a terra  
Em breve quadro uma fiel pintura;  
É a vida oceano de desejos  
Intérmino, sem praias,  
Onde a esmo e sem bússola boiamos  
Sempre, sempre com os olhos enlevados  
Na luz desse fanal misterioso,  
Que alma esperança mostra-nos sorrindo  
Nas sombras do porvir.

E corre, e corre a existência,  
E cada dia que cai  
Nos abismos do passado

É um sonho que se esvai,

Um almejo de noss'alma,  
Anelo de felicidade  
Que em suas mãos espedaça  
A cruel realidade;

Mais um riso que nos lábios  
Para sempre vai murchar,  
Mais uma lágrima ardente  
Que as faces nos vem sulcar;

Um reflexo de esperança  
No seio d'alma apagado,  
Uma fibra que se rompe  
No coração ulcerado.

Pouco e pouco as ilusões  
Do seio nos vão fugindo,  
Como folhas ressequidas,  
Que vão d'árvore caindo;

E nua fica nossa alma  
Onde a esp'rança se extinguiu,  
Como tronco sem folhagem  
Que o frio inverno despiu.

Mas como o tronco remoça  
E torna ao que d'antes era,  
Vestindo folhagem nova  
Co volver da primavera,

Assim na mente nos pousa  
Novo enxame de ilusões,  
De novo o porvir se arreia  
De mil douradas visões.

A cismar com o futuro  
A alma de sonhar não cansa,  
E de sonhos se alimenta,  
Bafejada da esperança.

Esperança, que és tu? Ah! que minha harpa  
Já não tem para ti sons lisonjeiros;  
Sim - nestas cordas já por ti malditas  
Acaso tu não ouves  
As queixas abafadas que sussurram,  
E em voz funérea soluçando vibram  
Um cântico de anátema?  
Chamem-te embora bálsamo do aflito,  
Anjo do céu que nos alenta os passos  
Nas sendas da existência;  
Nunca mais poderás, fada enganosa,  
Com teu canto embalar-me, eu já não creio

Nas tuas vãs promessas;  
Não creio mais nessas visões donosas  
Fantásticos painéis, com que sorrindo  
Matizas o futuro!  
Estéreis flores, que um momento brilham  
E caem murchas sem deixarem fruto  
No tronco desornado.  
- Vem após mim - ao desditoso dizes;  
Não esmoreças, vem; - é vasto e belo  
O campo do futuro; - lá florescem  
As mil delicias que sonhou tua alma,  
Lá te reserva o céu o doce asilo  
A cuja sombra abrigarás teus dias.  
Porém - é cedo - espera.  
E ei-lo que vai com os olhos enlevados  
Nas cores tão formosas  
Com que bordas ao longe os horizontes...  
E fascinado o mísero não sente  
Que mais e mais se embrenha  
Pela sombria noite do infortúnio.  
E se dos lábios seus queixas exala,  
Se o fel do coração enfim transborda  
Em maldições, em gritos de agonia,  
Em teu regaço, pérfida sereia,  
Co'a voz embaidora, inda o acalenta;  
- Não esmoreças, não; - é cedo; espera;  
Lhe dizes tu sorrindo.  
E quando enfim no coração quebrado  
De tanta decepção, sofrer tão longo,  
Nos vem roçar do desalento o sopro,  
Quando enfim no horizonte tenebroso  
A estrela derradeira em sombras morre,  
Esperança, teu último lampejo,  
Qual relâmpago em noite tormentosa,  
Abre clarão sinistro, e mostra a campa  
Nas trevas alvejando.